

O sujeito capitalista e o corpo transformado

(The capitalist subject and the transformed body)

Guilherme Carrozza¹, Fábio Henrique de Oliveira Lambert²

^{1,2} Universidade do Vale do Sapucaí (Univás)

guilhermecarrozza@uol.com.br; oliveira.lambert@yahoo.com.br

Abstract: We present an analysis of “Extreme Makeover” Program’s episode, which proposes the transformation of a girl with a facial disability. We intend to analyze the ways in which individuals deal with the ideology and imagery in its relation with their own body, especially in what we call “quest for perfection”, as part of a capitalist ideological formation that produces in its interior, a pragmatic subject as a result (ORLANDI, 2001). It is possible, by Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux, in France, and Eni Orlandi in Brazil, establish some relations that demonstrate how a capitalist form of subject is materialized through the texts those circulate in mass media. From this perspective, it’s possible that we analyze how the media produce meanings that allow individuals to practice their forms of identification, by an operation that determinates the way that subjects are constituted in contemporary.

Keywords: body; subject; discourse analysis; media.

Resumo. Apresentamos a análise de um episódio do Programa “*Extreme Makeover*”, que propõe a transformação de uma garota com deficiência facial. Buscamos analisar os modos como os sujeitos lidam com a ideologia e o imaginário na sua relação com o corpo, principalmente naquilo que podemos chamar de “busca pela perfeição”, como parte de uma formação ideológica capitalista, que produz, no seu interior, um sujeito pragmático como resultado (ORLANDI, 2001). É possível, pela Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux na França e por Eni Orlandi no Brasil, estabelecer algumas relações que demonstrem como uma forma capitalista de sujeito se materializa por meio daquilo que circula na mídia. Nessa perspectiva, analisa-se como a mídia produz sentidos que possibilitam aos sujeitos praticarem seus modos de identificação, dentro de um funcionamento determinado pela forma-sujeito-histórica contemporânea.

Palavras-chave: corpo; sujeito; análise de discurso; mídia.

Introdução

Em nosso estudo, partimos da compreensão de que os processos de identificação pelos quais os sujeitos praticam a forma-sujeito-histórica contemporânea têm a ver com a própria relação do sujeito com seu corpo. Nesse sentido, compreender os modos como o corpo é apresentado na mídia passou a ser nosso foco de interesse.

Pensamos a mídia como espaço de circulação de sentidos produzidos por e para sujeitos, no qual circulam “representações sociais” que, de certa forma, materializam imaginários sobre o corpo do sujeito contemporâneo. Partimos da compreensão proposta por Orlandi (2012, p. 85), que pensa o corpo não como corpo empírico, “mas como corpo em sua materialidade significativa enquanto corpo de um sujeito”. Nessa linha de pensamento, a autora propõe refletir sobre a relação entre corpo e ideologia, partindo do princípio de que “o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade, ao corpo social” (ORLANDI, 2012, p. 86), ou seja, há que se levar em conta que não se trata de qualquer forma de corpo, mas do corpo que materializa uma determinada formação social, numa determinada conjuntura histórica.

O estudo sobre o corpo, da forma como buscamos compreendê-lo, propõe uma reflexão acerca dos modos como o corpo significa, bem como sobre o seu funcionamento discursivo, a sua produção de sentidos. Nessa perspectiva, faz-se necessária uma abordagem discursiva do corpo, considerando a relação deste com a história, o político, a ideologia, convergindo em uma materialidade específica. Não podemos, sobretudo, tomar o corpo como um envoltório, reduzido simplesmente a uma embalagem do sujeito, posto que, como corpo de linguagem, este corpo se configura como matéria significante.

O corpo do sujeito contemporâneo

Para pensarmos a relação do sujeito contemporâneo com seu corpo – pensado como a materialidade desse sujeito –, é necessário fazermos uma incursão sobre os modos como, na atualidade, ocorrem os processos de subjetivação, compreendidos sob a perspectiva discursiva.

Tomamos como ponto de partida duas construções teóricas fundamentais sobre a constituição do sujeito. A primeira construção teórica, apresentada pelos estudos de Pêcheux (1997) e Haroche (1992), propõe a forma sujeito contemporânea como uma forma capitalista caracterizada como um sujeito jurídico “livre e responsável”, de direitos e deveres. Segundo os autores, por volta do século XVI, houve uma transformação histórica de poder da Religião para o Estado, o que caracterizou a mudança, mediante transformações nas relações sociais, de uma “forma-sujeito religioso” para uma “forma-sujeito jurídico”, fazendo surgir um sujeito de direito, livre e responsável, com seus direitos e deveres, mas submisso ao Estado e às leis (PÊCHEUX, 1997; HAROCHE, 1992). Haroche (1992) ainda salienta que o que caracteriza o sujeito capitalista em sua prática social é o individualismo. O Estado, de toda forma, funciona como articulador simbólico e político, atribuindo sentido às relações sociais.

É a partir desse estatuto do Estado como articulador simbólico e político que Orlandi (2001) apresenta dois movimentos do processo que, embora sejam distintos, são inseparáveis. Segundo a autora, há num primeiro movimento, a interpelação do indivíduo (bio-psico) em sujeito, pela ideologia, no simbólico, o que o constitui em sua forma-sujeito histórica; já, num segundo movimento, na constituição dessa forma histórica, dá-se o que ela considera como o processo de individuação do sujeito (ORLANDI, 2001).

Como já mencionado, nessa forma sujeito contemporânea capitalista, os modos de individuação que se dão pelo Estado, suas instituições e os discursos circulantes resultam em um indivíduo responsável e dono de sua vontade.

Para Orlandi (2001), o indivíduo que resulta desse processo não é origem de si – como propõe uma visão idealista do sujeito – mas um constructo referido pelo Estado que individualiza e estabelece formas de identificação desses indivíduos. Assim, dado o processo, é o “indivíduo 2” que está numa relação contínua com a sociedade, constituindo-a ao mesmo tempo em que é constituído por ela. Individualizado, o sujeito se relaciona socialmente sob a égide do Estado, submetido a uma ordem que determina todo e qualquer dizer.

Ainda dentro dessa perspectiva, Orlandi (2001) salienta que: o assujeitamento à língua – e conseqüentemente, à ideologia – é uma questão de natureza e não quantificável; que a forma-sujeito histórica jurídica pratica uma forma sujeito-pragmático como resultado do seu funcionamento; que esse indivíduo resultante é um sujeito social que tem

como característica ser intercambiável; e que há um processo social pelo qual os sujeitos estabelecem laços sociais.

Nessa linha de pensamento, pensamos principalmente na linguagem como uma das formas que o indivíduo tem de se relacionar com o mundo e pela qual ele se constitui enquanto tal. E, conforme o nosso ponto de vista, toda e qualquer forma de linguagem já está investida de ideologia, de formações ideológicas que direcionam os gestos de leitura para lugares distintos de interpretação.

É possível, dessa forma, promover uma aproximação entre corpo e linguagem, considerando que o que estamos propondo – na medida em que tomamos o corpo como materialidade dessa forma sujeito contemporânea – é pensá-lo enquanto linguagem, não o reduzindo, entretanto, a uma mera forma de expressão, mas pensado como matéria significante que produz (e é, ao mesmo tempo, resultado de) relações entre o político, o histórico e o simbólico. Estamos propondo, com isso, pensar que sujeito e sentido são produzidos simultaneamente, na medida em que é no acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história que o sentido se mostra. O que significa, então, quando esse significante acontece nele mesmo, na medida em que, pelo modo como funciona hoje a ideologia capitalista, o corpo deve coincidir com o sujeito?

O que estamos pensando, fundamentados em Orlandi (2012) ao colocar essa questão, é que no processo de constituição do sujeito, também o corpo é interpelado. Considerando que é “um corpo produzido pela ideologia capitalista” (ORLANDI, 2012, p. 95), é essencial que pensemos nele como um *corpo pragmático*, útil, usável, que sirva aos propósitos da ideologia capitalista. Afinal,

[...] o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. Por isso, pode ser tão afetado quanto o é, em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias. Ele funciona estruturado pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política. (ORLANDI, 2012, p. 95)

Pensar no corpo atado aos modos de produção da vida material significa pensar em um corpo em movimento, na medida em que, conforme defende Orlandi (2004), sujeito e sentido são “movimento” na história. Além disso, essa autora tem trabalhado a noção de incompletude inerente à linguagem, como “o lugar do possível, do irrealizado, do vir a ser, do sentido outro” (ORLANDI, 2012, p. 88). E essa incompletude caracteriza o que a autora tem chamado de “abertura do simbólico”. Nessa noção, estão investidos elementos que nos possibilitam pensar não só em diferentes formas significantes (como o corpo, por exemplo) mas também no fato de que o processo de significação não se apresenta fechado. O corpo pensado como linguagem é passível de movimento, de ruptura, de mudança.

É nesse ponto que propomos pensar a textualização do corpo pela mídia, pensando o sentido de textualização na relação com a linguagem, no batimento entre sua ordem e sua organização. Essa noção, tomada na relação com o corpo, possibilita-nos supor que, quando se depara com o corpo alterado, o modo como se muda o corpo (o sujeito) é um modo de textualização. Logo, podemos pensar em uma “ordem do corpo” que, devido aos discursos circulantes, se organiza de determinada forma e se materializa no imaginário que circula socialmente. Assim, há uma opacidade que denuncia a forma como os sujeitos se significam na história.

Corpus e análise

Para tratarmos da opacidade do corpo transformado e seus modos de circulação e significação na mídia, utilizamos um episódio do programa norte-americano “*Extreme Makeover*”, série da rede de televisão ABC, que foi ao ar entre os anos de 2002 e 2007. Seguindo o gênero *reality show*, o programa mostrava indivíduos que se submetiam a uma transformação corporal extrema. Homens e mulheres se ofereciam para passar por mudanças no corpo, as quais envolviam regimes alimentares, exercícios físicos, tratamentos dermatológicos e cirurgias plásticas. Cada episódio iniciava apresentando a vida cotidiana do participante para, a partir de seu aval, passar pelo processo de transformação que o submetia a – além de todo o trabalho de mudanças no corpo – um confinamento que durava até o término das transformações (em torno de três meses).

O episódio analisado¹ foi ao ar, pela primeira vez, em abril de 2005 e teve como participante Katie Cox, uma garota de 18 anos. Na sua forma de construção narrativa, há uma locução em *off* que apresenta a participante em cenas cotidianas, na escola, em sua casa etc. Katie Cox é uma garota que apresenta deformidades na mandíbula, que é proeminente, o que também dificulta sua fala.



Figura 1. Sequência de imagens representativas do programa analisado

Fonte: Programa *Extreme Makeover*, episódio “Katie Cox”

De início, é importante atentar para o gênero televisivo que estamos analisando: o estilo *reality show* de programas televisivos. Esse estilo ganhou força a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, tendo como premissa a construção de situações

¹ Para fins de ilustração, na Figura 1, apresentamos algumas imagens recortadas do material. O vídeo analisado pode ser acessado na íntegra em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6QrtBodQvDY>>.

vividas por pessoas “comuns”, sem que se tenha um enredo ficcional. Nesse sentido, o “show da realidade” parece fazer circular a “vida real”, apagando todo o processo de produção de entretenimento (com seu caráter comercial e espetacular). Tudo se passa como se aquilo que está sendo vivenciado e mostrado na telinha fosse exatamente a situação da vida particular do participante do show. Soma-se a isso o fato de que, como programa de entretenimento, tem, sobretudo, o objetivo de constituir audiência. Isso, por si só, já determina o modo como a própria narrativa é construída, dentro do que podemos chamar de uma “espetacularização do cotidiano”, possível de ser apreendida logo num dos primeiros enunciados que abrem o programa²:

(01) “Mais que um sonho, um milagre está prestes a acontecer”.³ (tradução nossa)

O que trabalha nessa “espetacularização”, em nosso entendimento, é um mecanismo de antecipação que tenta encontrar o espectador naquilo que, imaginariamente, para ele seria interessante e capaz de lhe prender a atenção: “Mais que um **sonho**, um **milagre** está prestes a acontecer” (grifos nossos).

No enunciado, o locutor do programa “*Extreme Makeover*” estabelece uma relação entre sonho e milagre, colocando o segundo como algo superior ao primeiro – “mais que um sonho, um milagre”. Nesse sentido, já coloca a transformação da participante como um desejo próprio, que aparentemente é impossível, posto que apenas um milagre tornaria esse desejo realidade.

Certamente, quando se opõe o sonho ao milagre, vai-se do desejo ao impossível realizado; porém, essa realização não pode ocorrer de qualquer forma, visto que a participante, ainda uma garota, deverá passar por uma mudança radical que irá mexer com todo seu corpo. O que se percebe no referido *reality show* é um “enredamento” dos sentidos em relação ao milagre. Afinal, para que seria necessária a operação de um milagre? Compreendemos, portanto, que o programa vai construindo uma base de sustentação para que todo o processo de transformação pelo qual a garota irá passar se justifique.

Segundo o programa, a adolescente sofreu na infância com o crescimento anormal de seu maxilar inferior. Próxima de completar dezoito anos, o crescimento se estabilizou e, por decisão médica, optou-se pela cirurgia buco-maxilo-facial⁴ que, até então, não havia sido feita. Assim, direciona-se o interlocutor/espectador à causa:

(02) “Katie Cox é a primeira adolescente a receber uma transformação extrema [...] **não tanto por causa de sua aparência**, mas por suas deformidades fatais”.⁵ (tradução nossa)

A língua não deixa escapar a presença de um referencial de beleza quando tenta “negar o feio” no trecho: “**não tanto** por causa de sua aparência”. O corpo anormal atrai para si a necessidade emergencial da normatização. Faz significar um referencial de beleza que não se concebe, mas que constrói sua forma no contato com o atípico.

² Os enunciados analisados neste artigo foram retirados do episódio apresentado acima.

³ No original: *More than a dream a miracle is about come true*

⁴ É uma especialidade odontológica que trata cirurgicamente traumas e deformidades da face, dos maxilares e do pescoço. No caso de Katie Cox, havia deformidades no maxilar inferior.

⁵ No original: *Katie Cox is the first teenager to receive an extreme makeover. Not so much because of her appearance, but rather her fatal deformities.*

Na continuação da análise, encontramos marcas que nos indicam o esforço do programa em continuar as suas “justificativas”. Aparecem nos enunciados do locutor alguns apontamentos que fazem emergir a “necessidade” da transformação na vida de Katie Cox.

(03) “As deformidades de Katie a fazem se sentir como uma excluída”.⁶ (tradução nossa)

Pode-se perceber, nesse enunciado, que há um deslizamento dos sentidos que se relacionam ao corpo da garota. Não se trata apenas de um rearranjo daquilo que a incomoda fisicamente, mas também – e mais fortemente – de anular aquilo que vem como consequência disso: seu sentimento de exclusão. Trabalhando as “deformidades”, parte-se para um discurso sobre o “excluído”. A exclusão se constrói na medida em que se reconhece as deformidades do corpo. Não se trata, então, apenas de uma questão de beleza, mas de uma condição para que possa viver “plenamente”.

Por conta da exclusão, encontram-se as vias para a “dramatização” do discurso sobre um corpo anormal que urge ser alterado. Em um enunciado, Katie Cox diz:

(04) “Eu nunca beijei um garoto, eu nunca tive um namorado”.⁷ (tradução nossa)

O programa, então, tenta mostrar que não há uma transformação no corpo sem “motivos” que possam levar a tal ato. E esses motivos não podem ser alocados na aparência: é preciso algo mais ao sujeito para que possa ocorrer a transformação. Mais à frente, ao falar de si, a garota diz:

(05) “Eu não gosto de não me sentir proporcional”.⁸ (tradução nossa)

Tal enunciado faz emergir o efeito da ideologia sobre o corpo do sujeito que atravessa, inclusive, a percepção de si mesmo. O que produz essa transparência de que há uma proporção para o corpo é justamente a ideologia, pensada como “interpretação” do sentido em determinada direção (ORLANDI, 2002). Cria-se, dessa forma, não só o foco no processo – afinal, é isso que o programa pretende demonstrar – mas principalmente, uma expectativa do resultado.

Por essa construção narrativa, o “milagre” consegue apagar a transformação brutal pela qual o corpo passará, visto que poderia ser tomada como um gesto de violência com seu próprio corpo. Essa mudança se justifica devido ao fato de Katie Cox corrigir sua anomalia e, com isso, crer que sua vida poderá transcorrer “normalmente”. Essa ideia evidentemente faz vir à tona toda uma relação entre normalidade e anormalidade do corpo, tema, aliás, já explorado por Courtine (2008), numa reflexão que teve como foco as exposições teratológicas do final do século XIX e início do século XX.

Courtine (2008) apresentou seu estudo analisando corpos com anomalias bem mais marcadas fisicamente, tanto que os sujeitos de análise eram, naquela época, tomados como monstruosidades. Já neste artigo, a partir do que nos aponta Courtine (2008), o que nos interessa é esclarecer como a norma encontra sua sustentação na exceção, na

⁶ No original: *Katie's deformities make her feel like an outcast*

⁷ *I never kissed a boy, I never had a boyfriend.*

⁸ *I don't like not feeling proportional*

oposição a uma organização imaginária. Nesse sentido, a exceção à regra é aquilo que direciona a interpretação ao lugar distante do “sujeito ideal”.

Em outro trabalho (CARROZZA, 2013), quando falávamos dos modos de representação do corpo por meio das imagens de si, chegamos a introduzir a noção de “gramática do corpo”, partindo da relação entre ordem e organização (ORLANDI, 2002), visto que, para nós, esse conceito expõe determinados critérios imaginários de correção e organização na relação com o corpo.

Avançando um pouco mais na construção dessa noção de gramática do corpo, gostaríamos de acrescentar que a exposição do anômalo traz seus efeitos sobre o “corpo normal”, reclamando e fazendo intervir certa “sintaxe corporal”. Nesse sentido, frente à deformidade, projeta-se um corpo ideal, não pela presença do normal(izado), mas pela sua ausência. Acreditamos que é assim que vai se constituindo uma textualização do corpo – como já mencionamos – no sentido em que, imaginariamente, constrói-se um lugar para esse “corpo-a-ser”.

Indursky (2010), nesse sentido, apresenta a noção de efeito de textualidade que

[...] vai muito além da organização linguística interna do texto, embora passe por ela também. O *efeito de textualidade* é uma *qualidade discursiva* que deriva da inserção e textualização de recortes discursivos provenientes de outros textos, de outros discursos, enfim, do interdiscurso. É um trabalho do discurso sobre o discurso, do sentido sobre os sentidos. (apud ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 73, grifo da autora)

Aqui nos interessa pensar como o corpo produz sentidos em sua relação com a discursividade e como se organizam, no corpo, os elementos provenientes da exterioridade para que produzam um efeito de texto (corpo) homogêneo. Parece haver, de forma latente, uma referencialidade (ilocalizável) que determina os modos como “deve ser” um corpo normal que desliza, pelo discurso, para um ideal de beleza.

É isso que torna possível, no programa *Extreme Makeover*, não apenas uma transformação do corpo para minimizar suas deformidades mas, mais fortemente, para tornar a garota um exemplo de beleza. É aí que o impossível se realiza, que o “milagre” acontece. E como já dissemos, mais do que justificar os meios, o fim os apaga, funcionando apenas uma relação entre razão (causa) e resultado.

Um caminho de compreensão

É ainda produtivo para nossa reflexão, trazer algumas imagens de pessoas que passaram por esse programa, no esquema de “antes e depois” para que possamos comparar com algumas imagens tratadas por filtros do *software Photoshop* também no esquema de “antes e depois”. Vamos, primeiramente, apresentar as imagens dos participantes de outros episódios do programa *Extreme Makeover*.

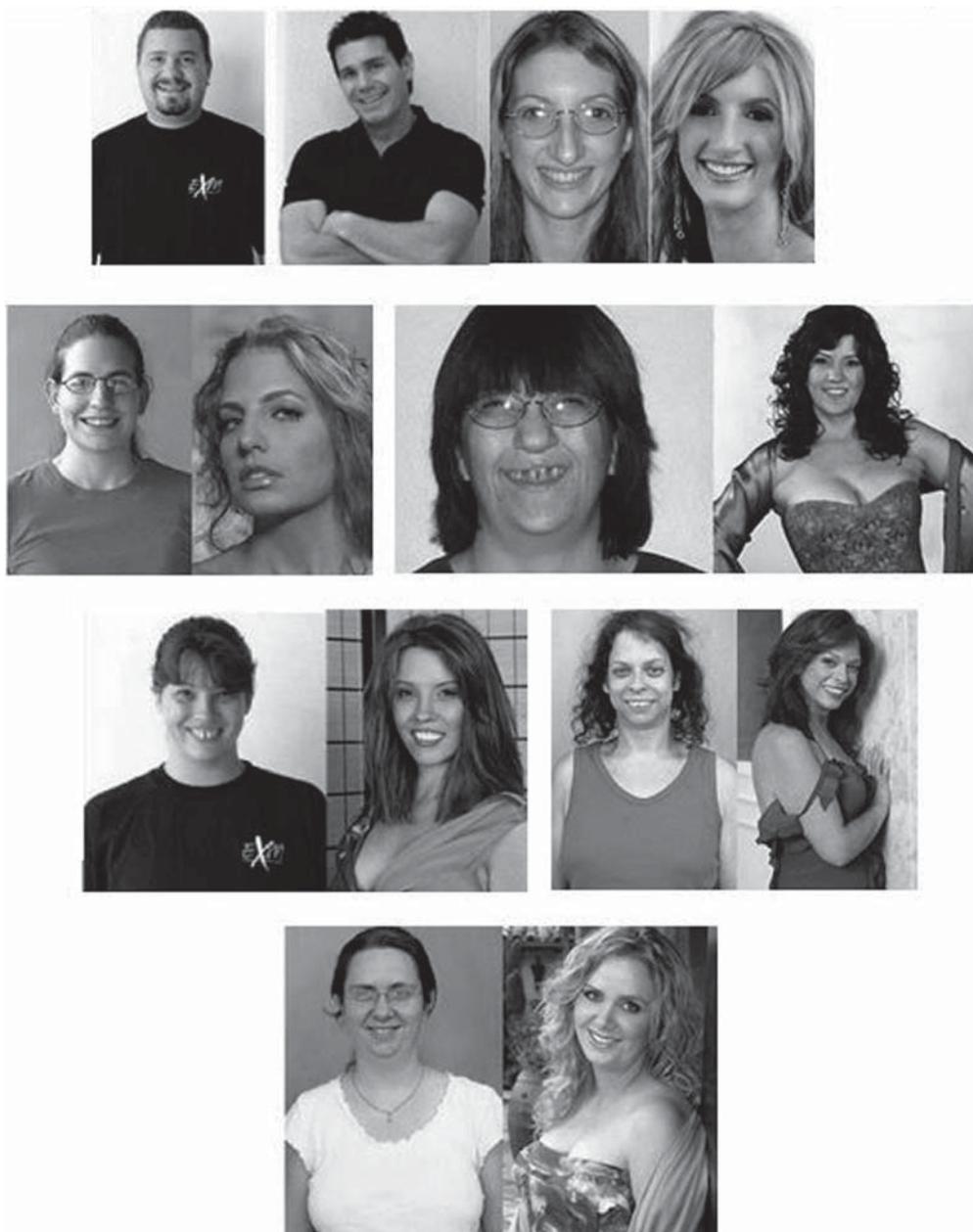


Figura 2. Sequência de imagens “antes e depois” de participantes do *Extreme Makeover*

Fonte: Compilação de imagens de participantes do Programa *Extreme Makeover*, através de sites de busca.

Em seguida, consideramos importante apresentarmos imagens, também no esquema “antes e depois”, produzidas por manipulação em *Photoshop*.

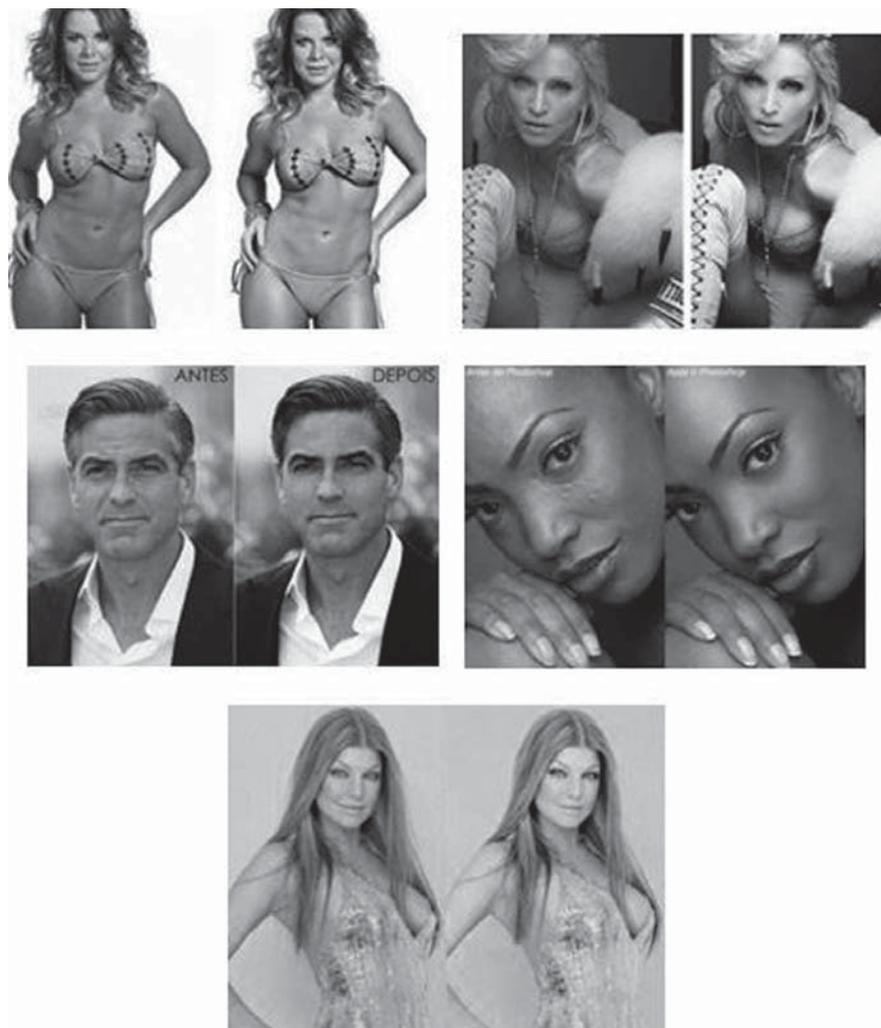


Figura 3. Sequência de imagens “antes e depois” manipuladas em *Photoshop*

Fonte: Compilação de imagens retocadas em *Photoshop*, coletadas através de *sites* de busca

É notório, no nosso ponto de vista, que as transformações ocorridas naqueles participantes do reality show são muito mais evidentes e marcantes do que aquelas que se mostram nas imagens tratadas pelo Photoshop, talvez porque, entre os profissionais da comunicação que se encarregam do tratamento das imagens que irão circular em anúncios ou reportagens, haja um discurso que se sustenta apenas na “correção” de pequenas imperfeições, tomando-se o cuidado de não descaracterizar o modelo/ator.

A pergunta que fazemos é: até que ponto essas “correções” de imperfeições não constroem, por si só, ideais de sujeitos perfeitos – sem marcas e sem rugas, com corpos rígidos etc. – que colocam os “sujeitos comuns” em movimento em direção a esse ideal? E como fica a relação do sujeito com seu corpo quando, ao passar da instrumentalização tecnológica para o real do corpo, algo ocorre que faz com que, ao fim e ao cabo, um outro corpo (uma outra forma) se apresente?

Vale ainda chamarmos a atenção para o modo como, dentro do funcionamento de uma ideologia capitalista, que coloca a utilidade quase que como condição *sine qua non* para uma existência social. E o corpo do sujeito entra nesse jogo, na medida em que

ele está aí para ser abarcado e consumido nesse processo social. Dado exposto, podemos supor que a relação entre normalidade e anormalidade passa, também, por aí.

Sem esgotar a questão, mas, principalmente, apontando para um caminho de compreensão, consideramos que categorizar um corpo como normal ou anormal relaciona-se, entre outras coisas, com ser ou não útil aos propósitos da sociedade capitalista, seja em que medida for. É isso, segundo o nosso ponto de vista, que abre caminho para que o sujeito, no seu processo de identificação, se coloque ou não em direção à busca de transformações no corpo.

O que nos pareceu certo, ao analisarmos o programa em pauta – e, posteriormente colocá-lo em relação com imagens editadas em *Photoshop* –, é que as tecnologias que hoje possibilitam a produção e a circulação de imagens dos sujeitos em aparatos eletrônicos parecem criar um imaginário de que é possível ao sujeito extrapolar este espaço, produzindo, no próprio corpo, as transformações que os aplicativos de edição de imagens podem sugerir. Nessa direção, esse “sujeito-possível-de-ser-outro” se joga com seu corpo, em direção a um ideal de sujeito/corpo – ilocalizável, mas sempre presente.

Para nós, analisar esse sujeito capitalista, pragmático, intercambiável e capaz de produzir laços sociais implica compreender que esse sujeito é capaz de se mover na história, produzindo, ele mesmo, os modos pelos quais ele se relaciona com o mundo. Nesse movimento, o sujeito se coloca com seu corpo que está, desde sempre, investido de sentidos.

REFERÊNCIAS

CARROZZA, Guilherme. A movência do sujeito no espaço digital. In: DIAS, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital* [online]. 2013. Série e-urbano, v. 2. p. 1-73. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/index.php>>. Acesso em: 6 abr. 2014

_____. *Consumo, publicidade e língua*. Campinas: RG Editores, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal – história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3. p. 235-340.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

KATIE Cox Extreme Makeover April 2005. 2005. 1 post (24 min 58 s). Postado em: 28 maio 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6QrtBodQvDY>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours*. In: *Mots*, octobre 1984, N°9. Michel Pêcheux. *Analyse de discours. Mots dans l'histoire: individu, substances, patronat, honnêtes-gens*. pp. 7-17. Disponível em: </web/revues/home/prescript/article/mots_0243-6450_1984_num_9_1_1160>. Acesso em 1 mar. 2014